

1 INTRODUÇÃO

A virada do milênio foi marcada por grandes transformações em todos os aspectos da vida dos homens, repercutindo na definição de novos valores, no aparecimento de novas necessidades e na alteração dos hábitos de consumo.

Todas as transformações vêm ressaltar a importância do turismo na sociedade pós-moderna. Criam-se necessidades de fuga ao cotidiano, a procura de lugares mais saudáveis e de um contato mais estreito com a natureza. O lazer e, em especial, as viagens são incorporadas à vida dos homens, como necessidades fisiológicas para a reprodução de energia física e mental.

Com o desenvolvimento da atividade turística, observou-se que o turismo cultural vem se destacando, aliando planejamento econômico e de infra-estrutura à percepção da procura por bens culturais e estilos de vida. Isto acontece devido ao crescente interesse do turista em compreender a cultura e a história de lugares diferentes, assim como conhecer hábitos e costumes de outros povos. Essa procura por cultura tem levado a um crescente interesse em revitalizar artefatos com valor cultural, com o objetivo de dinamizar o turismo, melhorar a economia e, ao mesmo tempo, valorizar a cultura local.

Nesse sentido, várias manifestações culturais integram-se no elenco de ofertas diferenciadas e no presente trabalho procurou-se analisar a festa do Divino Espírito Santo que ocorre em Itatuaba Icatú-MA, bem como o seu potencial turístico.

Optou-se por fazer um estudo sobre esta festa, pelo fato de ser uma das mais tradicionais da localidade, por conseguir mobilizar sua população a participar

de todo o preparativo da mesma, além de estar conseguindo atrair um considerável número de visitantes a cada ano no período da festa.

A motivação da pesquisa surgiu durante uma visita ao local durante o festejo em novembro de 2004, quando o mesmo completou 50 anos de existência. Pôde-se observar que durante esse período houve um aumento no número de visitantes na localidade, apesar de não ser muito conhecido pelos ludovicenses, podendo-se elaborar um roteiro que dinamize o turismo na mesma, para que se mantenha esse fluxo não só durante o festejo, mas durante o ano todo.

Em consequência disso, foi feita uma pesquisa de natureza analítica descritiva sobre essa manifestação cultural. Através de pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica em livros, monografias, internet, procurou-se obter informações sobre turismo cultural, turismo religioso, a festa do Divino Espírito Santo sobretudo do município de Icatú. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados entrevista semi-estruturada e observação direta durante o festejo, realizado em novembro.

A pesquisa de campo foi realizada inicialmente, no mês de novembro de 2004, através de observação direta durante o festejo, onde pôde-se acompanhar os rituais da festa, registrando-se algumas peculiaridades da mesma, além de obter informações importantes sobre a festa através de entrevista com os organizadores e de conversas informais com membros da comunidade.

Em maio de 2005, procurou-se avaliar os atrativos turísticos de Itatuaba e Icatú, obtendo junto às pessoas mais antigas do lugar, informações sobre a origem do povoado e da Festa do Divino, uma vez que não existem dados bibliográficos referentes aos mesmos, além de entrevistas com os organizadores da referida Festa.

Em Icatú, as informações foram obtidas junto ao Secretário de Meio Ambiente, José Raimundo de Cantide, através de documento e registros.

Finalmente, organizou-se os dados coletados e fez-se a redação final.

Todas essas informações serviram como base para a elaboração de um roteiro para melhor aproveitar as potencialidades turísticas de Itatuaba, tendo-se como fundamentação à Festa do Divino Espírito Santo.

O trabalho parte do pressuposto de que o turismo cultural pode andar de mãos dadas com a sustentabilidade na medida em que busquem alternativas capazes de contribuir para o desenvolvimento sustentável em geral, visando promover o bem estar da comunidade e garantindo a preservação e evolução de sua identidade cultural.

Dessa forma iniciamos os estudos tecendo considerações sobre a relação existente entre Turismo e Cultura, as influências que este exerce sobre a comunidade local, o Turismo Cultural, enfocando a questão do Patrimônio, bem como as motivações que levam as pessoas a viajarem e a questão da sustentabilidade.

Em seguida aborda-se o mercado turístico em seu novo modelo estratégico, para atingir mais qualidade na prestação de bens e serviços; a segmentação de mercado. Destacando-se vários segmentos dentro do turismo, como o turismo religioso.

Numa etapa subsequente comenta-se sobre o Turismo Religioso, tanto a nível internacional como nacional, enfocando as manifestações religiosas que acontecem nesta última, como a Festa do Divino Espírito Santo.

No terceiro momento faz-se um estudo mais aprofundado da Festa do Divino Espírito Santo, apontando-se a preparação da mesma, suas origens, a Festa

dos Tabuleiros, além dos significados religiosos e popular da festa, destacando-se a Festa do Divino que ocorre em Itatuaba-Icatú/MA.

Por fim comenta-se sobre o município de Icatú, especialmente do povoado Itatuaba, elaborando-se propostas para o desenvolvimento do turismo sustentável em Itatuaba, além de proposta de um roteiro turístico para o povoado.

2 TURISMO E CULTURA

O relacionamento existente entre o turismo e a cultura é bastante significativo e relevante. Essa relação é estreita porque uma das principais motivações do turismo é a fascinação nostálgica pelo rústico e pelo cultural.

O turista é alguém que ao se deslocar de seu lugar de origem, quer deixar por um certo tempo a rotina e tudo o que lhe é comum.

Geralmente ele se sente atraído pelo diferente, pelo primitivo e pelo pitoresco, ou seja, busca atrativos que não estão inseridos no seu dia-a-dia.

De acordo com o autor Oswaldo Elias, em termos gerais, a cultura vem sendo definida como um conjunto de traços e padrões materiais e espirituais, formulados socialmente, transmissíveis de geração para geração como meio de socialização e de controle social.

Comumente, a tendência é que se pense a cultura como um cunho evolutivo linear, que se inicia na cultura primitiva, daí passando à cultura popular e essa servindo como espinha dorsal para o surgimento da cultura erudita, civilizada e institucionalizada, superior e urbanizada; porém essa é uma visão mecanicista e de cunho evolucionista.

Para o autor Antônio Augusto Arantes, a forma mais usada de pensar a cultura, ao contrário, é a que a considera como um resultado da dinâmica social: a diferenciação entre cultura dominante e cultura popular se faz a partir das “escolhas” que um determinado grupo social faz.

Dessas escolhas é que se constrói o uso de modelos e valores em detrimento de outros, superados ou em desuso: a cultura que os exclui se torna a dominante, a “erudita”, a que os mantém se designa como “popular”.

Diversos outros autores elaboraram conceitos para o termo cultura. Assim, Santos (1994, p.8): ressalta que “Cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos.”

Para o autor, a cultura expressa toda a história contida em uma sociedade, onde cada sociedade em particular possui uma espécie de conteúdo próprio. Este conteúdo pode ser transmitido de geração para geração, em qualquer momento de seu processo histórico.

Para Singer (1968 apud RUSCHMAN, 1997, p.50):

A cultura de um povo é entendida como os padrões explícitos ou implícitos dos comportamentos, adquiridos ou transmitidos por símbolos, que constituem o patrimônio de grupos humanos, inclusive sua materialização em artefatos. O aspecto mais importante de uma cultura reside nas idéias tradicionais de origem e seleção histórica e, principalmente, no seu significado.

Assim, qualquer indivíduo sofre influência cultural de determinada sociedade, e por sua vez contribui para o desenvolvimento desta cultura. Trata-se da interação que ocorre entre o indivíduo e seu meio ambiente, e esta interação é de tal forma que os mesmos são atingidos pelas sociedades a qual pertencem.

Hunziker e Krapf (1992), em suas primeiras obras estabeleceram a premissa de que sem cultura não há turismo, e que este traz uma dupla contribuição: a direta, como resultado de uma experiência cultural que enriquece tanto a população visitada como o visitante com a aquisição dos valores que ambas possuem; e indireta, no que diz respeito ao planejamento antes da viagem e na verificação de pontos de dúvidas entre o turista e a população local.

Para o turista, culturas antigas e exóticas são sempre fortes atrações pelas quais está disposto a realizar longas viagens, resultantes da inerente vontade natural do ser humano dotado de curiosidades em conhecer locais e culturas entre sociedades e pela necessidade de enriquecer e expandir conhecimento quanto a história e ao modo de vida de outros povos.(WAHAB, 1991, p.18)

Essas viagens possibilitam às pessoas conhecerem as mais diferentes formas de expressão, através das manifestações artísticas, locais como: o artesanato, a gastronomia, a dança etc. Todas são formas de expressão de um povo que, ligadas ao seu modo de viver, sentir e pensar representam a cultura.

O fenômeno turístico permite a expansão do ser humano, quer por motivo de estudo, divertimento ou por simples curiosidade, o que acaba por enriquecer e expandir os seus conhecimentos durante as viagens.

A presença do turista em determinadas localidades é marcante, podendo se tornar um fator de mudança social, ocasionando assim, o aparecimento de uma outra realidade para o lugar visitado.

De acordo com R. Bouillon (1995), a questão de fundo do turismo ou comunidades diversas, é o abismo existente entre demanda turística e os residentes, uma vez que, estes adotam diversas vezes os valores da cultura dominante ao invés de tentarem preservar e fortalecer a sua própria identidade cultural.

2.1 Influências do turismo sobre a cultura local

Dependendo da forma como é desenvolvido, o turismo pode ocasionar alterações que podem ser benéficas ou maléficas a cultura local.

Na estética do consumo turístico, a pobreza é algo indesejável, tal como tudo o que é feio, sujo ou que se afaste do desejável. A realidade local não importa quanto à constituição da mercadoria, o que importa é a realidade parcial para a construção do irreal-ideal na função consumo. Neste sentido, todas as forças mercadológicas agem na transfiguração do real para o ideal. O consumo falseia a

realidade, a medida que concorre no caminho do desejável, no gosto objetivo da maioria.

A possibilidade da não abdicação dos hábitos de consumo já adquiridos no capitalismo urbano e também de fruição do prazer do belo, do novo e até do “natural”, que o turismo associadamente pode proporcionar, são as molas propulsoras dessa transformação. E é aí que se efetivam as modificações no meio ambiente. Os hábitos de consumo são transferidos para a região receptora a fim de atender a demanda dos turistas e acabam sendo, aos poucos absorvidos pela comunidade local.

A cultura local, naturalmente não imune às transformações que trás o turismo e o consumo, vai aos poucos assimilando os novos hábitos. O contato com os novos hábitos de consumo cria novas necessidades, que outrora não existiam. Este processo de absorção da cultura local pela cultura exógena ocorre unidirecionalmente, no sentido da uniformização. Inferir sobre culturas é algo difícil de ser feito, ou mesmo incorreto, pois são valores diferentes, portanto medidas diferentes. Velhos hábitos e costumes são aos poucos abandonados, o contato intenso com o “exterior” cria novos padrões de comportamento, que encontram correspondência nas condições objetivas que aos poucos vão sendo inseridas.

Uma resistência é cada vez mais difícil. Está criado então o impasse. A essência é substituída pela aparência, o conteúdo pela forma, o ritual pelo espetáculo, a produção pelo consumo e a historicidade pelo desenraizamento.

Porém, não se pode dizer que a atividade turística não traga benefícios a uma comunidade receptora, já que muitos indivíduos só redescobriram a história da qual faziam parte, mediante a este aspecto econômico. Perceberam suas raízes, graças a curiosidade dos turistas, que visitaram o local no qual faziam parte,

despertando-os para uma consciência e valorização de suas manifestações culturais e patrimônio arquitetônico.

Sendo assim, o turismo precisa dar a sua parcela de contribuição no que diz respeito à preservação das manifestações culturais existentes na comunidade, evitando assim uma possível extinção das mesmas, contribuindo não só no sentido de preservar de um modo conservadorista, principalmente na preservação de sua essência; afinal, o fato cultural não está distanciado da dinâmica sócio-cultural, pelo contrário, está inserido na mesma.

Segundo Ferreti (1977, p. 16) “não há cultura insensível às mudanças sociais, e a relevância da tradição não impede que o povo sinta orgulho de suas produções e aquisições e nem se adapte às exigências da vida moderna”.

Todas as cidades são passíveis de mudanças, mas distintas umas das outras pela densidade de seus traços culturais já fixados pelo tempo e que devem ser preservados de forma a manter o caráter particular de cada uma delas.

Porém, “em toda cultura por mais tradicionalista que seja alguns aspectos vão sendo modificados através dos tempos e outros são suprimidos para dar lugar ao que vai sendo criado pelo povo”. (MUNDICARMO FERRETI, 1994).

Observa –se que, as condições da vida cotidiana são marcadas a cada tempo por diferenças, isso faz com que a cultura seja sempre dinâmica sem, contudo deixar de lado sua tradicionalidade.

2.2 Turismo cultural

Este é um dos principais segmentos do turismo, e de modo geral pode ser associado com outras atividades turísticas.

Para o autor Reinaldo Dias pode ser definido como uma atividade de lazer educacional que contribui para aumentar a consciência do visitante e sua apreciação da cultura local em todos os seus aspectos históricos, artísticos etc. Além disso, é uma forma de turismo que, envolve a apreciação de monumentos e sítios históricos, contribuindo dessa forma para a manutenção e proteção do patrimônio cultural e natural da humanidade.

Assim, o turismo cultural é uma segmentação do mercado turístico que incorpora uma variedade de formas culturais, incluindo museus, galerias, festivais, festas, arquitetura, sítios históricos, performances artísticas e outras, que, identificadas com uma cultura em particular, integram um todo que caracteriza uma comunidade, e que atrai os visitantes em busca de características singulares de outros povos.

Segundo Barreto (2002, p.19) “Turismo cultural é todo turismo em que o principal atrativo não seja a natureza, mas algum aspecto da cultura humana “.

Com este conceito, a autora define limites motivacionais para as duas grandes vertentes no estudo do turismo, que determinam o que vem a ser o turismo impulsionado pelos atrativos culturais e o turismo voltado para os atrativos naturais.

O turismo cultural é motivado pela busca de informações, de novos conhecimentos, de interação com outras pessoas, comunidades e lugares, da curiosidade cultural, dos costumes, da tradição e da identidade cultural. Este segmento turístico tem como fundamento o elo entre o passado e o presente, o contato e a convivência com o legado cultural, com tradições que foram influenciadas pela dinâmica do tempo, mas que permaneceram; com as formas expressivas reveladoras do ser e fazer de cada comunidade. Abre perspectivas para

a valorização e revitalização do patrimônio, do revigoramento das tradições, da redescoberta de bens culturais materiais e imateriais.

Segundo Horta (1991, p.12: “Turismo Cultural é a satisfação do desejo de conhecer novos lugares, costumes, arquiteturas históricas, vivendo um mundo diferente do seu atual, tendo hoje um grande processo envolvendo vários setores sócios – econômicos”.

Para Foster: “O turismo cultural consiste em conhecer novas atividades culturais. Estas podem centrar-se em áreas rústicas (primitivas) ou ter como base cidades que oferecem atividades culturais especiais[...]”.

Assim, vê-se cidades como Londres ou Nova Iorque com seus atrativos culturais, como festivais, peças teatrais diárias que atraem milhares de pessoas o ano inteiro. Por outro lado, vê-se cidades bem pequenas, sem uma infra-estrutura turística suficiente para abrigar pessoas que são atraídas por suas manifestações culturais que acontecem em determinada época do ano, como exemplo pode-se citar a Festa do Divino Espírito Santo, que acontece em algumas cidades do país e no Maranhão ocorre em 23 municípios, no caso de Itatuaba-Icatú, ocorre a maior e mais tradicional Festa do Divino do município, sendo considerada um Patrimônio da localidade.

Itatuaba é um povoado até então pouco conhecido pelos ludovicenses, está localizado na baixada oriental do Maranhão na região Munim, a oeste do Estado, próximo à baía de São José de Ribamar e a 25Km da sede municipal.

2.3 A questão do patrimônio

O Turismo Cultural tem como principal atrativo o Patrimônio Cultural, termo que teve seu conceito ampliado, passando a incluir não apenas as obras arquitetônicas como ocorria no final do século XIX e início do século XX, mas também toda forma de representação cultural, seja material ou imaterial.

Em 1972, numa conferência realizada pela UNESCO em Paris, definiu-se e especificou-se definitivamente o que é “Patrimônio Cultural” a nível mundial:

- 1) **Monumentos:** obras arquitetônicas, de escultura ou de pinturas monumentais, elementos ou estruturas de caráter arqueológico, inscrições, cavernas e grupos de elementos que tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;
- 2) **Conjuntos:** grupos de construções, ilhadas ou reunidas, cuja arquitetura, unidade e integração na paisagem lhes dê um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;
- 3) **Lugares:** obras do homem ou obras conjuntas do homem e da natureza, assim como zonas incluindo sítios arqueológicos que tenham um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.

De acordo com Horta (1991, p.9), Patrimônio Cultural é definido como sendo: “O produto da inteligência histórica, cristalizada nos bens e nos comportamentos culturais”.

Essa inteligência histórica mencionada é a herança cultural que recebemos de nossos antepassados, ou ainda as evidências materiais da cultura, das manifestações, que no Brasil são inúmeros esses aspectos culturais mas pouco difundidos, preservados e utilizados.

Para Margarita Barreto (2000,p.11), Patrimônio Cultural inclui não apenas os bens tangíveis como também os intangíveis (por isso, o conceito de “legado cultural” parece mais adequado do que “patrimônio”), não só as manifestações artísticas, mas todo o fazer humano, e não só aquilo que representa a cultura das classes abastadas, mas também o que representa a cultura dos menos favorecidos. A autora procurou demonstrar a importância do legado cultural como atrativo turístico porque pode atrair um público diferenciado e ao mesmo tempo ajuda a recuperar a memória e a identidade local, assim como manter a economia. A Festa do Divino Espírito Santo que ocorre em Itatuaba-Icatú é um exemplo de como se pode resgatar a identidade cultural daquele povo, além de conferir um significativo aumento na economia local, pois atraindo um maior número de visitantes, há oportunidades de trabalho para as pessoas do município, como comerciantes, vendedores, restaurantes, bares, etc.

Pellegrini Filho (2001, p.92) afirma que:

A noção moderna de patrimônio cultural não se restringe à arquitetura, a despeito da indiscutível presença de edificações como um ponto alto da realização. De modo que o significado de patrimônio cultural é muito amplo, incluindo outros produtos do sentir, pensar e do agir humanos[...]

Deste modo, o patrimônio cultural é formado por aspectos materiais e não materiais. Nota-se também que ele atualmente não se refere apenas às manifestações artísticas ou ao que representa a cultura da elite, mas a tudo o que é feito pelo homem, independente de sua classe social.

2.4 Motivações

As características básicas ou fundamentais do turismo cultural não se expressam pela viagem em si, mas por suas motivações, cujos alicerces se situam na disposição e no esforço de conhecer, pesquisar e analisar dados, obras ou fatos, em suas variadas manifestações.

Considerado um fenômeno complexo, devido a sua relação com diversas atividades do homem em sociedade, o turismo é estudado sob diversos aspectos nos quais destaca-se as motivações que induzem as pessoas a praticá-lo.

Andrade(1997, p.87) afirma que: “ O homem sempre procurou responder às estimulações e às motivações externas que o convidam ou impelem a ações diversas daquelas nas quais se empenha de modo costumeiro ou quase permanente.”

Desta forma, observa-se que o homem quer afastar-se por um momento de suas atividades rotineiras, já que as mesmas tornam-se cansativas, e o turismo é uma das soluções encontradas para satisfazer não só este desejo como também outras aspirações inerentes ao ser humano.

Para Andrade (1997, p.89) algumas das principais motivações para a prática do turismo são: o desejo e a necessidade de evasão, por ser inquieto por natureza, o homem precisa se deslocar para realizar esses desejos. Diante desse fato conclui-se que o turismo é uma boa opção para realizar esses desejos, já que o indivíduo ao se deslocar para lugares de sua escolha irá realizar seus objetivos planejados (descanso, lazer, entretenimento etc.)

Barreto (2002,p.19) afirma que:

Analisando o turismo segundo o critério da motivação, aparece uma quase infinita variedade de possibilidades, que podem ser agrupadas em duas grandes divisões, o turismo motivado pela busca de atrativos naturais e o turismo motivado pela busca de atrativos culturais

A partir dessa divisão em motivação natural e cultural é que surgem os mais variados tipos de turismo, tais como de negócios, cultural, religioso etc.

É importante lembrar que a motivação do turismo cultural depende mais dos turistas como elementos ativos do que da cultura dos receptivos que eles visitam, pois a simples oportunidade de constatação de realidades estranhas pode ser insuficiente para que elas se tornem, de fato, conhecidas. Além disso, os baixos níveis cultural, intelectual ou mesmo mental se constituem em elementos impedientes da formação de repertório lógico, por causa das dificuldades e das impossibilidades da transformação de estímulos e realidades em idéias correntes e convenientes.

Para Andrade, a complexidade das motivações e das estratégias específicas que cercam o exercício do turismo cultural, ele se subdivide em dois subtipos: o turismo científico e o turismo de congresso ou turismo de convenções.

- a) **Turismo Científico:** o interesse ou a necessidade de realização de estudos e pesquisas é o elemento motivador do turismo científico, que se caracteriza pelos interesses pessoais dos turistas ou visitantes para com as fontes e os objetos das ciências. Por sua natureza, identifica-se, exclusivamente, pela finalidade e pelo comportamento sistemático do turista, no núcleo receptivo em que se encontra.
- b) **Turismo de Congresso:** conjunto de atividades exercidas pelas pessoas que viajam a fim de participar de congressos, convenções, assembléias, simpósios, seminários, reuniões, ciclos, sínodos,

concílios e demais encontros que visam o estudo de alternativas, de dimensionamentos ou de interesses de determinada categoria profissional, associação, clube, crença religiosa, corrente científica ou outra organização com objetivos nos campos científicos, técnicos e religiosos para atingir os objetivos profissional-cultural, técnico operacional, de aperfeiçoamento setorial ou de atualização.

Segundo MATHIESON & WALL apud CORRÊA (1990, p. 59): “As motivações culturais do turismo, que atraem os visitantes, centram-se em três formas principais de cultura:”

1) Formas de cultura inanimada:

São aquelas que não intervêm diretamente na atividade humana. Um exemplo significativo é o turista que visita os lugares de arquitetura e arte particulares, os edifícios, os monumentos históricos e, ainda, compra arte e artesanato tradicionais;

2) Formas de cultura refletidas na vida diária de um destino:

São as motivações turísticas comuns. Podem especificar a visita de um turista estrangeiro para observar as atividades tanto sociais como econômicas, no pólo receptor, assim como o uso do tempo livre com o intuito de compreender os estilos de vida, ideologias e costumes dos habitantes locais;

3) Formas de cultura especial e animada:

São aquelas que podem implicar em eventos especiais, inscrições históricas ou acontecimentos famosos incluindo: festival musical, carnaval, reconstituição de batalhas, exibição de máquinas antigas e outros.

Conforme esta divisão, pode-se afirmar que ela apresenta os aspectos que compõem o turismo cultural, demonstrando cada motivação que leva o indivíduo

a realizar determinada viagem, sendo ela de âmbito cultural ou não. A divisão aborda de forma clara, o contato que existe entre o turista e a comunidade receptora, a busca do turista por culturas desconhecidas, estilos de vida, ideologias e outros. Esta interação pode proporcionar uma troca de valores e experiências culturais tanto para o visitante quanto para o visitado, sendo esta troca de grande valia para ambos.

Exemplo disso é o que acontece na Festa do Divino Espírito Santo em Itatuaba-Icatu, quando tocadoras de caixas ou caixeiras, que participam de várias festas no Estado encontram-se disponíveis para a realização do evento que está associado inevitavelmente a uma reativação de fé, onde a comunidade local se dispõe a acolher romeiros, pagadores de promessas e fiéis e outras comunidades vizinhas para juntos louvarem o glorioso Divino Espírito Santo.

Por fim, a motivação do turismo cultural depende muito mais do turista do que do próprio destino escolhido, pois a simples oportunidade de conviver com o povo da localidade já é um atrativo para aqueles que sabem apreciar a cultura. Por outro lado, o despreparo intelectual do turista pode se tornar uma ameaça ao destino visitado, colocando em risco monumentos, igrejas, obras de arte e, até mesmo, a tradição do povo.

2.5 Sustentabilidade

A sustentabilidade do turismo e da região turística tornou-se o mais eficiente mecanismo de reconhecimento da importância do setor. Via de regra, é comum aceitar a busca da vocação do lugar como uma etapa decisiva para o planejamento turístico. Sendo assim, o turismo é sustentável na medida em que

seus atrativos otimizam diversas frentes de desenvolvimento, principalmente o vetor econômico, com a devida conservação da cultura.

Beni (1998, p. 86), considera o turismo como sendo uma atividade que pode servir de veículo a reabilitação das culturas, contribuindo significativamente para a sua difusão mundial. Esta atividade também pode propiciar uma conscientização dos indivíduos para a necessidade de se conservar e valorizar os bens culturais de determinado núcleo receptor uma vez que, se não houver uma preocupação por parte de todos, tanto do turista quanto da comunidade visitada, este contato pode ser desastroso, transformando a oportunidade de conhecimento em destruição e até de riscos para o patrimônio cultural do núcleo receptor.

Segundo KRIPPENDORF (1989, p.83):

É difícil estabelecer uma distinção clara entre os impactos sociais e culturais do turismo nas comunidades receptoras, uma vez que a integração entre visitante e visitados parte uma boa intenção, mas que é realizável, e no fundo, também não é desejável.

Na realidade, se a comunidade não estiver preparada para trabalhar com a atividade turística, poderá ocorrer a idéia de invasão, com os espaços sendo preenchidos por pessoas estranhas que irão consumir os bens locais.

Destaca-se também que o turismo cultural pode ser praticado de forma planejada e visando um desenvolvimento sustentável, preservando as manifestações populares e a não degradação do patrimônio cultural dos núcleos receptores. Praticado desta forma o turismo pode enquadrar-se em uma política voltada para o crescimento e desenvolvimento econômico e social do núcleo.

O turismo sustentável é hoje uma ferramenta importante tanto para o desenvolvimento econômico de uma comunidade como para a preservação do patrimônio natural e cultural. O seu sucesso requer um planejamento turístico participativo, onde Poder Público, empresariado e comunidade se unam para buscar,

acima de tudo, o bem-estar da população local e a valorização de sua identidade. O turismo cultural exige uma gestão pública comprometida com a idéia de que a sustentabilidade requer uma comunidade autônoma para tomar decisões sobre como compartilhar seu patrimônio com o turista sem que, com isso, condene sua cultura à espetacularização.

É notório que, em virtude dos fluxos turísticos, impactos negativos sobre o meio ambiente e a identidade da comunidade tendem a aparecer. Entretanto, tais efeitos não atingem grandes proporções quando a atividade turística está pautada em torno de um planejamento integrado e sustentável. Ao contrário, os impactos que se apresentam são, em maioria, benefícios que garantem a promoção da sustentabilidade da população receptora.

Vale ressaltar que as decisões sobre os assuntos do turismo devem partir do ponto de vista da comunidade. Cabe à população local, como forma de se autopreservar, decidir sobre o que é importante para si e o que deve ser mostrado ao turista. Nesse sentido, é a comunidade que estabelece limites à atividade turística e não o turismo que lhe dita regras. Quando a comunidade possui consciência e participação ativa no processo de desenvolvimento turístico, as ações do Poder Público estão mais propensas a obter sucesso.

De acordo com Simões (2003), a perspectiva de um planejamento participativo ultrapassa a visão econômica da atividade turística e privilegia a cultura. Para isso, a gestão pública deve posicionar-se, considerando igualmente três vetores: o vetor da educação, ao promover a inclusão dos indivíduos e a preservação do patrimônio cultural; o vetor da mídia, que promove informação e comunicação, observando os fluxos midiáticos mundializados e as políticas culturais que atendam às questões locais e os segmentos sociais excluídos; e o vetor

econômico, que gera e promove sustentabilidade. Tais vetores devem vir ancorados em valores democráticos, como o respeito à diferença e à predominância do valor cultural em relação às exigências do mercado.

Para o autor Swarbrooke (2000), o turismo cultural ainda não pode ser considerado uma atividade sustentável por uma série de fatores, tais como a super utilização de sítios culturais e localidades, a falta de controle destas atividades pela população local, a perda de autenticidade dos bens culturais, a “fossilização” de culturas e a tendência de se evitar a abordagem de temas polêmicos e/ou moralmente problemáticos, tal como a pobreza ou falta de investimento no município.

Itatuaba ainda é incipiente no que se refere à infra-estrutura básica e adequada para receber visitantes. Os serviços turísticos do município ainda são deficientes, desta forma, cabe ao planejador do turismo refletir sobre as possibilidades de transformar o local num produto turístico de qualidade e autêntico, de forma que promova benefícios não só para os visitantes, mas, para a comunidade local.

Assim, é necessário o envolvimento da população, pois ela, junto com os planejadores, seguimento do poder público e empresários podem avaliar os impactos da atividade turística sobre o ambiente.

Swarbrooke (2000) considera que, este segmento turístico está longe de livrar-se das situações conjunturais que o ameaçam como atividade sustentável, principalmente por ter se baseado, até hoje, em práticas que vão contra a lógica das atividades economicamente sustentáveis e propõe algumas abordagens potenciais para que o turismo cultural se torne uma atividade mais sustentável:

- 1) O uso de antimarketing, com o objetivo de não sobrecarregar o

acesso a locais cuja sobrevivência depende da conservação física, tal como monumentos históricos e eventos culturais cuja importância para a população local é muito grande;

- 2) O incentivo de iniciativas locais, através das quais a população local se engaje em atividades econômicas e culturais voltadas para o turismo;
- 3) A implantação de projetos inovadores no setor público;
- 4) A celebração e o incentivo de culturas emergentes, especialmente aquelas intelectualizadas e urbanas, ao invés de um direcionamento único para a cultura popular tradicional;
- 5) A maximização consciente, em 1º lugar, de benefícios para a população local, sejam eles sociais ou econômicos;
- 6) A cobrança de um preço justo pelo acesso aos bens culturais, de modo que sua exploração turística não fique direcionada apenas aos turistas de maior poder aquisitivo.

Assim como qualquer outra atividade econômica, o turismo traz consigo pontos positivos e negativos, é necessário, porém uma organização coordenada, uma parceria entre instituições afins e a população local, distribuição de renda, planos e projetos concretos que visem a sustentabilidade. Dessa forma, a atividade turística tornar-se-á viável e promissora tanto para os investidores quanto para os turistas e nativos.

O turismo vem despontando como um setor crescente na economia mundial. O desejo por parte da maioria das pessoas de conhecer lugares diferentes, a fuga do estresse visando o bem-estar tanto físico quanto psicológico; as melhores

condições financeiras da sociedade; a elaboração de pacotes turísticos mais acessíveis contribuíram para o crescimento e modificação desse setor.

3 SEGMENTAÇÃO DE MERCADO

Após a industrialização e com a maior remuneração salarial, viu-se um grande número de pessoas interessadas em conhecer lugares, pessoas e costumes diferentes. A partir daí vários pacotes de viagens foram elaborados com o objetivo de comportar o maior número de adeptos, oferecendo lugares e serviços comuns à todos, iniciando-se o “turismo de massas”.

Segundo Marília Ansarah (1999, p.17):

Diante da realidade do aumento do consumo de produtos turísticos e incremento do turismo de massas, outros novos produtos começaram a surgir para atender cada vez mais os turistas. Dentre as causas que levam as empresas a buscarem segmentos específicos de mercado [foram] o próprio direcionamento de marketing que mudou, fazendo deste um instrumento para conseguir atingir a satisfação e encantá-lo, e não somente conseguir vender o produto[...]

Com isso, percebe-se que, mesmo com o turismo de massas, o setor turístico e os próprios turistas perceberam a necessidade de se oferecer e de se optar por algo diferenciado, personalizado, o que chamamos de segmentação do mercado turístico.

As necessidades humanas e os desejos que levam ao consumo de produtos turísticos são muitos e variam de pessoa para pessoa, por exemplo, evasão, descanso, lugares e pessoas novas, busca de status, saúde, contemplação da natureza, aventuras, (religiosidade), coisas que não são realizadas no cotidiano, entre outros.(ANSARAH, 1999, p.19)

Assim, verifica-se que segmentando-se o mercado torna-se mais fácil identificar as reais necessidades dos vários grupos, trabalhando de uma forma diferenciada para cada um deles, tornando mais viável a conquista dos mercados já existentes ou dos que estão por surgir.

A segmentação torna-se uma forma de atingir de maneira mais específica e eficaz cada grupo, atingindo assim um padrão de qualidade na prestação de bens e serviços, fazendo deste produto turístico algo personalizado.

A segmentação do mercado turístico traz muitas vantagens para a oferta turística, já que está direcionada a uma demanda restrita, a um público alvo, objetivando a satisfação da clientela. Com isso, o mercado torna-se mais competitivo, já que procura vender um produto que se enquadre nos padrões estabelecidos por tal demanda, podendo até realizar um trabalho de marketing personalizado.

Com a segmentação do mercado, um dos setores da atividade turística que vem tendo crescente ascensão é o chamado turismo religioso, que relaciona-se com as romarias e peregrinações que os fiéis realizam nos lugares sagrados. Há uma multiplicidade de lugares sagrados nos diversos países, que se relacionam com as mais diversas manifestações religiosas. Alguns desses lugares sagrados têm importância nacional, e muitas vezes local; outros adquirem uma dimensão mundial, como: Jerusalém, em Israel, Meca, na Arábia Saudita, ou Benares, na Índia.

Em Itatuaba-Icatu, a cultura do seu povo é evidenciada através do seu cotidiano e de manifestações culturais, enfocando bastante sua credence refletida através de festas de cunho religioso como Festa do Divino Espírito Santo, uma festa que vem sendo preservada ao longo dos últimos 50 anos, através da perfeita união entre religiosidade e cultura popular e a cada ano atrai um número maior de visitantes.

4 TURISMO RELIGIOSO

O turismo religioso é a modalidade de turismo onde os indivíduos se deslocam com um objetivo religioso ou apenas de conhecer certa religião ou movimento religioso.

O conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e a realização de visitas a receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam fé, a esperança e a caridade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões. (ANDRADE 1998, p.77)

Efetua-se sob formas de turismo individual ou de turismo organizado, em programas cujos objetivos se caracterizam como romaria, peregrinação e penitência, de acordo com os objetivos religiosos, dogmáticos e morais dos fiéis visitantes.

De acordo com José de Andrade, nos séculos III e IV da era cristã, os fiéis começaram a cultivar o hábito de viagens de caráter religioso a eremitérios, mosteiros e conventos da Síria, do Egito e de Belém, a fim de encontrar-se com os “servos de Deus”, para pedir-lhes conselhos, orações, bênçãos e curas. Também foi o início da longa série de visitas a igrejas e santuários em cujos terrenos encontravam-se os restos mortais de mártires célebres e aos locais por onde Cristo, seus apóstolos e discípulos passaram, viveram e morreram, além de outros lugares celebrizados por eventos importantes do Antigo Testamento.

O turismo religioso geralmente busca lugares sagrados e é uma viagem inspirada pela fé, buscando harmonia, paz espiritual, elevar a alma a Deus, auto conhecimento, purificação da mente e equilíbrio interior, através de romarias, procissões, missas, novenas e cerimônias.

Segundo José de Andrade(1998), este segmento turístico pode dividir-se conforme sua motivação para a viagem e podendo caracterizar cada tipo de viagem religiosa, nas seguintes circunstâncias:

- a) Quando alguém, por livre disposição e sem pretender recompensas materiais ou espirituais, viaja a lugares sagrados, o conjunto de atividades denomina-se *romaria*;
- b) Quando alguém visita lugares sagrados para cumprir promessas ou votos anteriormente feitos a divindades ou a espíritos bem-aventurados, o conjunto de atividades chama-se *peregrinação*;
- c) Quando alguém, empenhado em remir-se de culpas ou de seus pecados, de forma livre e espontânea, ou por conselho ou disposição de líderes religiosos, se dirige a lugares sagrados ou a outros lugares, em espírito de arrependimento e compunção, o conjunto de atividades é designado como *viagem de penitência ou viagem de reparação*.

Embora não se conheça dúvidas a respeito da classificação dos subtipos de turismo religioso, deve-se observar que inexistem religiões em cujos mandamentos haja referências a viagens compulsórias por motivos religiosos, místicos ou penitências.

A partir de 333, um maior fluxo de fiéis começou a se deslocar para Roma, hoje o centro da fé cristã. Atualmente o maior pólo religioso de Roma é o Vaticano, também considerado o maior pólo de turismo religioso do mundo, possuindo uma importante e diferente característica de outros locais, não é um pólo sazonal, ou seja, não há um período especial onde ocorre um maior fluxo de visitantes, já que recebe turistas o ano todo.

Existem várias outras localidades no mundo inteiro que são conhecidas por serem sagradas e pelas manifestações de fé praticadas pelos nativos e que atraem cada vez mais pessoas de outras religiões. Um exemplo é o Caminho de

Santiago de Compostela, uma espécie de rota da fé na Espanha onde vários peregrinos o percorrem em busca de cura, paz e esperança. “[...] o caminho é considerado uma via de aprendizado e auto-conhecimento impregnados de uma profunda religiosidade.”(NOVAES 1999, p,128)

Outro destaque é a cidade de Lourdes, na França, um pólo diferente, já que trata-se de uma pequena cidade, sem muitos atrativos e cuja importância está no número representativo de milagres que ocorrem na região e a fé dos que visitam o local em busca de curas.

Lourdes tornou-se sagrada a partir da aparição de Nossa Senhora à Bernadete em 1858.

Há também a cidade de Fátima, em Portugal e a 130 Km de Lisboa, cidade pacata que tornou-se famosa após a aparição da santa de mesmo nome para três crianças portuguesas em 1917; recebe milhares de turistas o ano inteiro, motivados pela fé no poder de realização de curas e milagres da santa.

Não podemos esquecer de Meca que é considerada a cidade santa do mundo árabe, berço de Maomé, localizada na Arábia Saudita, todo muçumano deve visitá-la ao menos uma vez na vida.

Sendo assim, o turismo religioso movimenta uma grande quantidade de pessoas o ano inteiro, fazendo com que eventos religiosos ganhem a cada ano mais força e incentivo para uma melhor estrutura para atender demandas ainda maiores.

4.1 Turismo religioso no Brasil

No Brasil, este segmento turístico é praticado por pessoas que possuem algum tipo de devoção a algum santo da igreja católica e viajam para o pagamento de promessas, por motivo de orações, auto-conhecimento, eventos religiosos etc.

O catolicismo possui uma grande diversidade de opções para o turismo, devido a tradição que possui. Estas tradições podem manifestar-se de várias formas, como festas, congressos etc.

A cidade de Aparecida é o principal destaque, localizada a 170 Km de São Paulo, é considerada a capital da fé e o maior pólo de turismo religioso no Brasil.

Segundo Novaes (apud Paolillo 1999, p.130) “Aparecida, como cidade santuário, é a capital espiritual do Brasil como turismo religioso de massa, recebendo anualmente milhões de peregrinos.”

A devoção a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, data do século XVIII, conta a lenda que, pescadores ao lançarem a rede no mar em busca de peixes, fisgaram a imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição esculpida em madeira escura, com anjos aos seus pés. Este fato ocorreu no dia 12 de outubro, quando hoje é comemorado oficialmente o dia de Nossa Senhora Aparecida.

Atualmente essa cidade é responsável por um intenso fluxo de turistas religiosos que querem manifestar sua fé para com a nossa padroeira.

Em Belém do Pará, ocorre no mês de outubro o Círio de Nazaré, evento que reúne milhares de devotos de Nossa Senhora de Nazaré.

No nordeste brasileiro se destaca a devoção a um padre, Padre Cícero que viveu na cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará.

No período da Semana Santa, ocorre em Nova Jerusalém, Pernambuco, a reconstituição da Via Sacra – onde são lembrados os últimos momentos de Jesus Cristo entre os homens.

Há também em São Luís – Maranhão, a representação da Via Sacra, onde a comunidade local participa da manifestação num ato de fé e amor; o festejo de Nossa Senhora da Conceição que ocorre no mês de dezembro e reúne milhares de fiéis no bairro do Monte Castelo.

Em São José de Ribamar, um dos municípios da Ilha de São Luís, cidade balneária distante 32 Km da capital, ocorre o festejo do santo da cidade no mês de setembro, que leva milhares de fiéis a visitar o local para pagar suas promessas na igreja de São José de Ribamar ou aos pés da estátua do santo.

Existem também, a Festa de São Sebastião, que é de tradição mista (religioso e profano); a Festa de São Benedito, comemorado no início de agosto em diversas cidades do Maranhão. A devoção ao santo no Estado é muito grande, principalmente por causa da presença de descendentes africanos, que cultuam o santo negro.

A Festa do Divino Espírito Santo é uma das mais difundidas em todo o Estado do Maranhão, concentrada no tempo Pentecostal prescrito pela igreja e fora dele, quase todas cheias de pompa e espetacularidade. São muitos os municípios que a realizam, porém destacaremos a que acontece em Itatuaba, município de Icatú, nascido no berçário da cultura maranhense, ao lado de São Luís e Alcântara, e que não poderia ficar fora dessa e de outras tradições populares que influenciaram diretamente nas raízes do seu povo. Esta festa de misticismo católico-profano, envaidece os participantes e oferece ao público assistente um espetáculo rico em ornamentos, matizes e simbologia.

E assim, há muitas outras localidades onde existe manifestação de devoção, respeito e admiração para com um determinado santo ou divindade. Essas manifestações contribuem significativamente para a divulgação da fé e conseqüentemente desenvolvimento da atividade turística ligada ao segmento religioso.

5 A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Segundo Rita Amaral, esta é uma das festas mais recorrentes em todos os calendários turísticos. Sua realização contudo, parece adquirir maior relevância em regiões de colonização mais recente, como é o caso do centro-oeste brasileiro onde, dentre outras, ela é a mais constante nos calendários das cidades.

A respeito dos primeiros tempos da Festa do Divino no Brasil e as formas pelas quais teria sido levada à região central, existem poucas e imprecisas informações. Acredita-se que o costume veio de Portugal, trazido pelos missionários jesuítas e primeiros colonos.

A crença no Espírito Santo é reconhecida como um dos principais focos das formas de religiosidade popular do centro-oeste, contrariamente ao que acontece no Nordeste e Sudeste do país, onde outros santos padroeiros, como os juninos, ocupam o lugar que no Brasil Central se destina ao Divino. Diz-se ainda que a festa está intimamente ligada ao período da mineração de ouro e se conservou especialmente nas velhas cidades goianas do século XVIII, sendo rara e pouco solene nas cidades que foram fundadas depois do ciclo do ouro.

A festa do Divino Espírito Santo realiza-se em muitas regiões do Brasil no Domingo de Pentecostes, é uma festa móvel católica que acontece sempre 50 dias depois da Páscoa, comemorando a vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus Cristo. É realizada em inúmeras cidades do país, porém é também comemorada durante o ano todo, em Itatuaba – Icatú é realizada anualmente sempre na 2ª quinzena do mês de novembro.

De acordo com Brandão, as pessoas recorrem ao Divino em busca dos mesmos milagres esperados dos santos da igreja católica fazendo, inclusive,

promessas. Ele não tem atributos específicos, ou seja, não tem um dom específico de cura ou proteção, como é o caso de São Brás que protege a garganta, ou Santo Antonio, que protege os namorados. Sendo assim, ao Divino tudo se pede.

Como acontece nas grandes festas, apesar de o momento central acontecer num único dia, no caso o Domingo de Pentecostes (chamado por todos de “Domingo do Divino”), ela começa bem antes, não apenas no espírito dos participantes, como também nos preparativos e escolhas que devem ser feitos. No período que antecede a festa, os momentos centrais são o do sorteio dos “encargos do Divino” e a “Coração do Imperador”.

A Festa do Divino coloca dentro de sistema de ações de trocas e serviços, pessoas socialmente diferenciadas em posições também diversas e muitas vezes interdependentes. Pode-se dizer que é sobre estas trocas simbólicas de modos de participação que se constitui, na prática, a Festa do Divino. Ela instaura uma transformação não apenas na vida da sociedade local como também na vida pessoal dos participantes, como de fato acontece com todas as festas, mas especialmente com as festas devocionais.

Aqueles que se comprometem com os festejos do Divino redefinem-se, uns para com os outros, ao se integrarem a um sistema de posições e relações que apesar de algumas vezes derivarem de relações que acontecem em outras áreas da sociedade local, somente possuem valor dentro da situação da festa e de seus vários rituais. Isto significa que empregado e patrão, por exemplo, podem ter seus papéis invertidos, reforçados ou anulados no sistema religioso da festa.

Como um ritual religioso e que é, ao mesmo tempo, visto como cultural, passível de ser entendido como demonstração da identidade local, a Festa do Divino é um acontecimento que deve ter as características do culto ao Espírito Santo e ser

organizado de forma a constituir um acontecimento da cidade. (Brandão, 1978; Moraes Filho, 1979).

Assim, sua organização deve ter sempre em vista a possibilidade de ampliação de cultos e rituais de esfera individual ou restrito a pequenos grupos, até as dimensões da cidade ou mais amplas, já que as festas se expandem a ponto de alcançar as áreas rurais ao redor e outras cidades e de absorver pessoas de toda a região, ou mesmo fora dela.

5.1 A preparação da festa

O principal responsável pela preparação e realização da festa é o Imperador do Divino, devendo ser, ao mesmo tempo, seu maior investidor e aquele através de quem a cidade presta suas homenagens ao Espírito Santo, o Divino.

Como uma espécie de representante temporário do Divino Espírito Santo, o imperador se torna objeto de todas as homenagens e deferências durante a comemoração. Por esta razão, o momento principal em toda a sucessão de momentos do festejo, que dura dias, é o da “Coração do Imperador”. É o momento em que simbolicamente o Espírito Santo vem à terra, sobre o imperador do Divino ou personificado nele, como na época dos apóstolos, em que a festa promove, num único ritual, seus 2 principais atores e personagens: o imperador e o padre. E é também o momento em que a sociedade local estabelece os termos rituais da continuidade da festa do Divino, de modo solene, ao estabelecer a passagem de um “ano imperial” para outro.

De acordo com Rita Amaral, considerada, como outras, uma festa popular, a Festa do Divino é realizada sob o duplo controle das atividades

eclesiásticas e da cidade que a realiza. As “autoridades da cidade” podem ser as pessoas em melhores condições financeiras, como fazendeiros, comerciantes, empresários etc., como pessoas que gozam algum tipo de prestígio local, comportando, evidentemente, exceções. As pessoas que promovem a Festa do Divino ocupam, geralmente, posições derivadas das relações de trabalho na sociedade local, seja este trabalho urbano ou rural. São conhecidos que se organizam para esta finalidade, e os candidatos a festeiro em geral são fazendeiros, comerciantes ou outros que se conhecem de algum modo através de relações de trabalho. Em certos casos, ocupam posições específicas na festa por causa das posições que ocupam na sociedade. Assim, combinam-se os 2 sistemas: o da festa e o das relações sociais.

5.2 Origens da Festa do Divino

Segundo o Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica, a instituição das festas do Império do Divino Espírito Santo celebrando o Pentecostes anda atribuída à Rainha Santa Isabel, na sua vila de Alenquer, em data que ainda não obteve o consenso dos investigadores.

A. Rodrigues de Azevedo adianta, baseado numa escritura que existiu na câmara de Alenquer, o ano de 1280.

Enquanto Jaime Cortesão, adotando sugestão de frei Manuel da Esperança e tendo à vista documentos do Arquivo de Alenquer, afirma ter sido o Convento de S. Francisco da mesma vila o palco da sua 1ª realização, em 1323.

Porém, já no compromisso da Confraria do Espírito Santo de Benavente, o mais antigo que se conhece, coeso da fundação da igreja do Espírito Santo dessa

localidade que presumivelmente se verificou no 1º quartel do século XIII, se alude à festividade do Império, o que leva a supor a sua concretização aí anteriormente a 1280, promovida ou inspirada por franciscanos de tendência espiritual. Os mesmos que secundando o proselitismo de Santa Isabel lograriam leva-la a patrocinar e, porventura, institucionalizar nos inícios do século XIV tais festejos com um aparato nunca antes visto, o que terá contribuído para radicar a tradição segundo a qual sob a sua égide e de D. Dinis se haviam originado.

5.3 A festa dos tabuleiros (Tomar – Portugal)

De acordo com Manuel J. Gandra, esta é considerada a mãe de todas as festas ao Divino Espírito Santo celebrada nos Açores, Brasil e América do Norte, é uma das mais famosas festas de Portugal, a Festa dos Tabuleiros é uma majestosa ação de graças à abundância de pão, evocada na inesquecível procissão de ofertantes que desfilam de branco com lindos tabuleiros à cabeça, bem enfeitados de pão, flores de papel, espigas de trigo e verdura. Atualmente esta festa realiza-se de 4 em 4 anos.

A implantação das Festas do Divino Espírito Santo em terras de Portugal é, por norma, atribuída à mui amada Rainha Santa Isabel, a dama do milagre do pão e rosas.

Em 1282, a Infanta Isabel de Aragão foi dada em casamento ao jovem D. Dinis, rei de Portugal, Isabel, mulher de uma fé inabalável e coração terno, resistiu às investidas iradas do seu esposo, pois este considerava impróprio que a rainha se mesclasse com os pobres e despojados do seu reino, entre os quais os judeus Sefarditas, freqüentemente perseguidos na Península Ibérica. Mas Isabel, devido às

suas fortes convicções cristãs, ignorava as repreensões do esposo, saindo freqüentemente pelas portas traseiras do palácio disfarçadas de mulher do povo para levar esmolas aos seus sujeitos mais carentes. Utilizou toda a sua influência real para proteger os judeus, os quais mais tarde o proclamaram a Rainha Santa pela proteção e benevolência que lhes dedicou.

Reza a historia que certo dia enquanto a Rainha passava pelos jardins, dirigindo-se as portas do palácio, com pão para os pobres em seu avental, esta cruzou-se com o seu esposo. O rei a interpelou: “Senhora, que levais em seu regaço?” “Nada, Senhor, Rosas apenas.” “Vejamos, então.” A rainha abriu o seu avental e caíram rosas ao chão.

5.4 O significado religioso da festa

De acordo com o Pe. Luiz Alberto, a Festa do Divino Espírito Santo é uma festa cristã. O seu nome litúrgico é “Festa de Pentecostes”.

A palavra “pentecostes” é de origem grega e significa “50 dias”. No tempo de Jesus, a comunidade judaica celebrava uma festa típica, em agradecimento pelas colheitas, 50 dias após a Páscoa, da qual participavam judeus de todas as partes do mundo. Nesse dia, Jesus enviou sobre os Apóstolos o Espírito Santo (Atos 2). Repletos e animados pelo Espírito Santo, os Apóstolos começaram a pregar corajosamente a Boa Nova de Jesus Cristo, Senhor e Salvador.

O texto do livro dos Atos dos Apóstolos sublinha a efusão do Espírito Santo e dos seus dons sobre os Apóstolos e a realização da Nova Aliança, selada por Deus em Cristo.

O apelido “Divino” está a indicar a divindade do Espírito Santo: verdadeiro Deus, Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, ou seja, do Deus Uno e Único na Trindade das Pessoas (Pai, Filho e Espírito Santo).

A vinda do Espírito Santo foi anunciada aos Apóstolos por Jesus como “Advogado” e “Consolador”. De acordo com o Pe. Luiz Alberto é o Espírito Santo quem guia e conduz a igreja pelos caminhos do mundo e da história. Jesus continua a sua obra salvadora, em prol de todos os homens, pela ação da igreja, a qual, para cumprir sua missão, conta constantemente com a presença do Espírito Santo.

A igreja celebra a Festa de Pentecostes com os *parâmetros vermelhos*, símbolo e sinal do amor com que Deus nos ama e do “fogo” que aquece, ilumina e abrasa os corações dos discípulos de Jesus.

O Espírito Santo é representado no símbolo de *pomba*. Já nas páginas do Novo Testamento encontramos este símbolo, transmitindo o sentido de amor, pureza, paz, mansidão, bondade, vida nova.

A plenitude da ação do Espírito Santo nos corações dos fiéis é representada em forma de Sete Dons: Entendimento, Ciência, Sabedoria, Conselho, Piedade, Fortaleza, Temor de Deus.

Em Itatuaba-Icatú, a Festa do Divino possui caráter religioso e lúdico, não só pela seriedade e beleza com que é levada, mas também pela função social que ostenta, mantendo algumas de suas mais antigas funções primordiais, a integração da comunidade, a mobilização e o esforço de todos para a realização da mesma.

5.5 Significado popular da festa

De acordo com Sodré Werneck(1994), a cultura brasileira é bastante diversificada devido às várias influências sofridas no decorrer dos séculos. Ela é aprendida através de um processo de transmissão dos mais velhos para os mais novos. São as chamadas linhas de transmissão, que se classificam em: família, escola, religião, trabalho, esporte e finalmente, a sociedade como um todo, vivenciada mediante os diversos grupos que a mantêm.

Apesar das influências européias terem marcado a cultura brasileira nos séculos XVI e XIX, hoje se vê que esta conseguiu manter-se pelos seus próprios hábitos e costumes, como vemos em nosso país de norte a sul, um povo que vive suas tradições, seu modo de viver, falar, comer, rezar, vestir e etc.

A Festa do Divino Espírito Santos é o reflexo da nossa cultura, e uma das mais tradicionais festas populares e como tal, caracteriza-se pela repercussão que tem entre o povo mobilizando-o parcial ou quase totalmente para participar dos eventos ou a ele assistir.

A festa foi incorporada ao calendário da igreja católica através de dona Isabel, esposa do Rei Dinis (1279–325), de Portugal, que mandou construir a igreja do Espírito Santo, em Alenquer, Dona Isabel foi, em vida, grande protetora dos humildes e da religião católica apostólica romana.

No Brasil, a festa do Divino chegou no século XVI e há indícios de que, no Maranhão, ela tenha chegado com os açorianos entre 1615 e 1625.É uma das manifestações culturais mais ricas do estado.

Em São Luis, o culto é marcado pelo sincretismo religioso. As tradições trazidas pelos portugueses receberam contribuições das culturas indígenas e principalmente africanas.

A festa é uma manifestação popular, onde se une a cultura e a espiritualidade para agradecer ao Espírito Santo os dons e as graças recebidas durante o ano anterior. É feita com donativos e seu espírito é de promover um dia de muita fartura, de abundância, quando quem nada tem recebe de graça.

A folia expressa uma era de paz, de amor, de oração, de libertação do medo e das tristezas.

O objetivo da festa é reviver e fazer continuar acesa a devoção e o amor de nosso povo ao Divino Espírito Santo que Jesus Cristo nos comunicou no dia do nosso Batismo.

Em Itatuaba-Icatú, uma característica marcante dessa festa que chama atenção são as indumentárias dos membros do império, geralmente crianças ou adolescentes. Observa-se o esforço da comunidade, que apesar de possuir um baixo poder aquisitivo, seguem a risca o figurino com trajes dignos de membros da corte. Este fato impressiona a todos os que visitam o local durante o festejo, principalmente pela resistência das crianças, que percorrem todos os dias da festa a pé uma maratona de missas, cortejos e visitas, com trajes agonizantes, além de maquiagem, sol forte enfim tudo para tornar a festa a mais bela possível.

5.6 A festa em Itatuaba-Icatú

A 1ª fase começa meses antes, quando um pequeno grupo de mulheres caixeiras sai às ruas da localidade e dos lugares circunvizinhos, entoando cânticos e

tocando caixas de percussão. Na frente uma carrega o estandarte, enquanto outra exhibe a Pomba do Divino posta em uma bandeja coberta por um tecido transparente. Recolhem, de casa em casa, donativos para a realização do festejo.

O passo seguinte é o início da novena e o soerguimento do mastro, o mesmo usado nos anos anteriores e que no final de cada festejo fica sob a responsabilidade de uma pessoa voluntária, que por sua vez arca com as despesas de renovação da pintura, flores e frutas tropicais para ornamentá-lo.

Na sua extremidade há uma bandeira a tremular, em cujo centro tem uma coroa bordada ou pintada em cores vivas. Homens se reúnem, em gritarias, para levantar o pesado tronco.

As batidas de caixas, louvação das caixeiras e a explosão de foguetes completam a cerimônia.

Em seguida o pessoal se organiza para caminhar pelas ruas, acompanhado de banda musical, para receber as figuras imperiais em suas residências, as quais são colocadas na frente do cortejo. Daí todos seguem para a igreja, local onde acontece a coroação, logo após retornam a casa onde é realizado o festejo.

O Mestre-Sala, elegantemente alinhado trajando paletó e gravata, é figura importante no desenrolar da apresentação. Dentre tantas incumbências no desempenhar de sua função, cabe-lhe a honra de conduzir ao trono o imperador e a imperatriz, assim como a seus devidos lugares os mordomos-régios e mordomos-mor.

Segundo o senhor Bibiano, atual mestre-sala: “Sou mestre-sala pra mais de 6 anos e nunca ganhei nada com isso, mas faço de coração e vou continuar fazendo enquanto vida tiver, gosto muito”.

A tribuna é o principal atrativo desse acontecimento. Fica instalada no fundo do salão de onde se visualiza, em plano superior, a Pomba do Divino, coberta por uma coroa, e os tronos.

Dessa forma exhibe-se esse interessante reino fictício, constituído de crianças e adolescentes. Músicas, foguetes e balões amimam o folgado que chega ao auge com o corte do bolo, distribuição à vontade de doces e refrigerantes. A realeza, do alto, presencia empolgada a alegria dos seus súditos. Nota-se no semblante de cada participante, além da concentração da fé, um pouco de vaidade influenciada pela opulência da festividade. Conforme as ilustrações em anexo.

Agora é o momento de fazer a distribuição das funções de preparação para o próximo ano, fechando-se a tribuna.

O casal real desce do trono, em seus lugares senta o casal de mordomo régio, dando a entender que eles serão os imperadores do próximo evento. Os lugares destes ficam para os mordomos mores, e assim por diante, obedecendo a hierarquia. Os postos que ficarem vagos serão preenchidos por indicação da dona da casa, dona Domingas Arcanja Silva, popularmente conhecida como “Domingas Caixeira”. As cerimônias são animadas com toque de caixa e em todas elas a bandeira do Divino está presente. Renova-se, todos os anos, esse império simbólico.

Por fim, o ritual exige um interminável conjunto de pormenores que nem sempre são todos apresentados devido à exeqüibilidade do tempo. O último ato dessa festa consiste na derrubada do mastro fincado no terreiro. Na queda, a pessoa que conseguir pegar primeiro a bandeira ficará na obrigação de doar uma nova no ano seguinte. A bandeira também pode ser doada através de promessas.

De acordo com dona Domingas Caixeira dona da festa: “Quem quiser doar a bandeira, pode doar, pode ser por pagamento de promessa ou não”.

Encerra-se tudo com uma festa dançante ao som de radiola de reggae, que se prolonga até o raiar do dia.

A festa é organizada pela senhora Domingas, ao lado de seu irmão Maurício Pereira (Lili) e tem como principal colaborador, o seu primo atual Secretário de Meio-ambiente de Icatú, o senhor José Raimundo de Cantide, homem que não mede esforços para continuar na luta por esta tradição, para que ela não perca sua originalidade e permaneça viva no imaginário popular. Vale ressaltar que há 04 anos a festa conta com a ajuda financeira da Secretaria de Cultura do Estado do Maranhão.

Para o senhor Maurício Pereira: “Depois que Domingas Caixeira morrer, acho que a festa vai acabar, porque as meninas mais novas não querem aprender a tocar caixa, têm vergonha, e com isso, desse jeito não vai ter prosseguimento”.

Há uma preocupação com relação ao repasse desse conhecimento (o toque de caixas), que é acumulado principalmente pelas tocadoras de caixas, pois sua não ocorrência põe em risco a própria continuidade do ritual. Não há o interesse das garotas mais jovens em aprender o toque de caixas que influenciadas pela mídia, interessam-se por coisas mais modernas, havendo um certo descaso para com aspectos ligados à cultura. Sendo assim há a necessidade da propagação dos conhecimentos desse “ofício”.

5.7 Histórico da festa em Itatuaba - Icatú

De acordo com relatos, o Divino Espírito Santo começou a ser festejado em Itatuaba - Icatú na década de 50 pelo casal Filomeno e Plácida de Jesus, que festejou o Divino por 04 anos alternados.

O senhor Filomeno Atanásio de Jesus era proprietário de uma coroa herdada de sua família que morava em Itapera / Mamuna e sua esposa, dona Plácida, que dado a sua criatividade era (artesã, florista e descobridora de muitos pratos da culinária regional) além de admiradora e incentivadora das manifestações culturais do município.

Sendo assim, resolveram festejar o Divino pela 1ª vez em 1955. Para isso, contrataram caixeiras de vários lugares da redondeza, tendo como mestra, a senhora Severina, caixeira muito conhecida na região, já que morava no Carrapatal, próximo a Miritiba, atual Humberto de Campos. A festa foi feita de forma simples, mas seguindo todo o ritual de festejo daquela época.

Anos depois a festa foi reativada e dessa vez, a dona Primázia, moradora de Itapera, foi à caixeira mestra.

Segundo dona Gregória: “Primázia, chamava a atenção, era toda grandona, era pintada de sarna, tinha o cabelo ruivo cor de fogo, dona de uma voz muito forte e um repente impressionante”.

O terceiro e quarto festejos aconteceram sob a liderança da senhora Sinézia do Juruparí, que tinha sempre como caixeira auxiliar, a senhora Domingas, que dessa forma tornou-se devota incondicional do Divino.

Anos mais tarde, com o falecimento do casal, Plácida e Filomeno, a festa foi suspensa.

Com a passar do tempo, a coroa ficou guardada sob a guarda da senhora Florzinha, filha mais velha do 1º matrimônio do senhor Filomeno, moradora do Girimico e viúva do cantador de bumba meu boi, João Mesquita.

A senhora Josefa Pereira, até então moradora do Caratatiua, mãe de Domingas, percebendo o talento e o grande entusiasmo de sua filha pelo toque de

caixa do Divino e ainda levando em consideração o grande valor da coroa, já que era a única da redondeza que possuía o cetro (aste central que tem na ponta superior, a escultura de um pombo, o que é raro em outras coroas do Divino), falou com dona Florzinha para trocá-la (vende-la), a mesma aceitou a proposta e a coroa foi levada para o Caratatiua, povoado de Icatú, isso na década de 60, quando começou o festejo, que consistia apenas em ladainhas, e toque de caixas, já sob o comando de Bentinha. (Benta do Santo Antonio dos Caboclos).

Um ano depois, o festejo cresceu, passando a ter imperador, imperatriz, e mestre sala, além do toque de caixas e festa dançante em uma só noite. A caixeira mestra desse ano foi a senhora Inês Moraes, que até então morava no Mororó.

De acordo com dona Domingas: “Antigamente não tinha imperador, nem imperatriz, nem missa, nem procissão”.

Havia 2 salões distintos, um para caixa com a tribuna e outro para a festa dançante, que era animada por orquestra formada de músicos da região que em sua maioria tocavam instrumentos de sopro.

O 1º casal de imperadores foi Lete e Sebastião. Ela moradora de Itatuaba e ele de Caratatiua. A partir daí passou-se a festejar o Divino anualmente sempre no dia 21 de novembro, por ser considerado dia santo-dia de Nossa Senhora da Vitória, e assim foi durante 8 anos.

Em 1966, dona Domingas mudou-se para Itatuaba, onde a festa cresceu e passou a ser realizada anualmente, enriqueceu-se ficando composta por corte de imperadores e mordomos.

As noites do festejo foram divididas, ficando uma só para toque de caixas e outra para festa dançante, em locais distintos. A data do festejo também foi alterada para 1º final de semana da 1ª quinzena do mês de novembro. A festa

passou também a contar com atividades sócio culturais e educativas, dando ênfase a parte religiosa, através de missas, procissões e ladainhas, porém sem perder sua essência.

Ressalta-se apenas que houve uma modificação nos últimos 4 anos, onde não mais acontece no encerramento a festa das cozinheiras e o carimbó para a entrega do mastro para o encarregado de doá-lo no ano seguinte.

A partir dos anos 80, o ritual e o toque de caixas passou a ser comandado pela senhora Marcela auxiliada por Evarista, Alderina, Alzira, Chaguinha, Luiza Oliveira, Nhazinha, Maria Moça, Chiquinha, Raimunda e convidados extras, permanecendo assim até hoje.

6 O MUNICÍPIO DE ICATÚ

Segundo Varnhagem, o topônimo Icatú ou Hycatu significa Fontes Boas. Já Ayres Casal a traduz por Águas Boas.

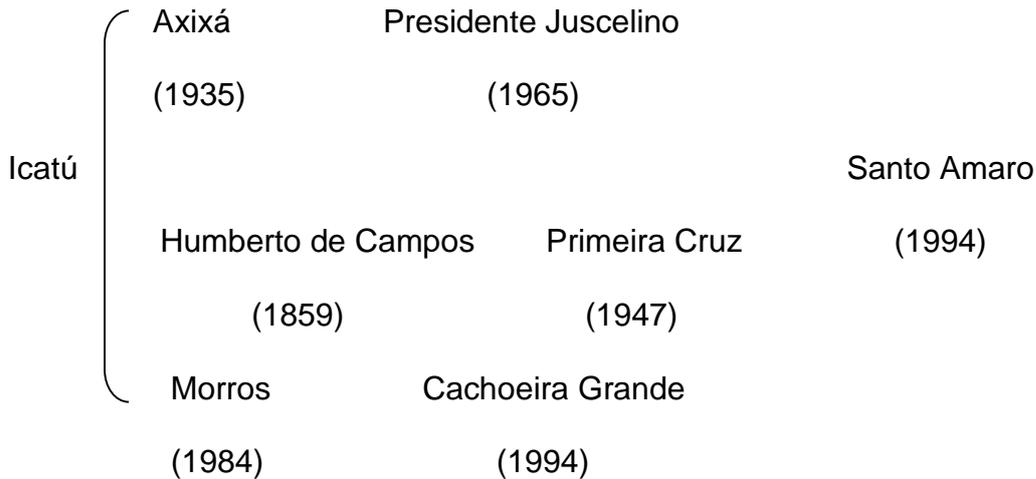
A Vila de Icatú chamou-se inicialmente Arrayal de Santa Maria de Guaxenduba, nome dado por seu fundador, o português Jerônimo de Albuquerque Maranhão, adquirindo categoria de cidade somente em 1924.

Por sentença firmada em 1º de março de 1805, o bispo Dom Luiz de Brito Homem “dividiu, desmembrou e separou desse dia para sempre dessa freguesia, cortada transversalmente desde a fazenda de Luiz Nogueira até a barra do Rio Preto, e daí em linha reta até a barra do Rio Iguará, e sítio de lugares, julgados, arrayais, fazendas, casas, famílias e pessoas, erigiu e instituiu uma nova paróquia e vigararia perpétua sob a invocação, de Nossa Senhora das Dores, devendo ser a igreja dessa nova freguesia edificada no lugar de Vargem Grande, e enquanto não o fosse devia servir-se o novo pároco da capela de São Raimundo que se achava na fazenda chamada Mulunduns.

Icatú tornou-se vila em janeiro de 1688 o que foi confirmado pela Lei Provincial nº 07, de 29 de abril de 1835. Na divisão administrativa de 1911, o município configurou com três distritos; o da sede, Icatú e os de Axixá e Salgado. A sede municipal foi elevada à categoria de cidade pela Lei Estadual nº 1139, de 10 de abril de 1924. Atualmente compõem-na os distritos de Icatú (sede) e Itapera.

A comarca do município foi criada em 31 de dezembro de 1948. De primeira entrância, sua jurisdição abrange os termos de Icatú, Axixá, Morros, Presidente Juscelino e Cachoeira Grande. O poder judiciário é representado pelo juiz de direito e o ministério público, pelo promotor.

Desde a sua elevação à vila em 1688, até os dias atuais Icatú sofreu diversos desmembramentos, desfigurando-se o seu território para como ele criar outros municípios, com os quais pode-se formar o quadro genealógico municipal abaixo:



De acordo com o IBGE, Icatú está situado na mesoregião do leste maranhense, na microregião da baixada oriental maranhense e dista 110 km de São Luís. É limitado ao norte pelo Oceano Atlântico; ao sul pelos municípios de Morros e Axixá; a leste por Humberto de Campos; a oeste por Axixá e pela baía de São José de Ribamar.

A sede municipal, a 10m de altitude, tem sua posição geográfica determinada pelo paralelo de 2°45' de latitude sul, em sua interseção com o meridiano de 44°04' de longitude oeste.

Dois são os rios que cortam o município; o Munim e o Anajatuba, o 1º tem sua bacia formada no município de Vargem Grande e o 2º nasce em Icatú, no Campo das Oliveiras, banhando os povoados de Salgado, Sertãozinho, Serraria e Boa Vista.

O clima da cidade é o tropical megatérmico, quente, porém agradável, sendo que no inverno, a temperatura à noite cai bastante. Vale Ressaltar que não existe posto metereológico no município.

São duas as estações que prevalecem na localidade; o inverno de janeiro a junho e o verão de julho a dezembro. Os meses mais chuvosos são: fevereiro, março, abril e maio.

No inverno as noites são frias e os dias um pouco mais quentes. Os meses de mais calor são: setembro, outubro e novembro.

A superfície do município é de 1472, 50 km², sendo Icatú o 6º município maranhense em grandeza territorial.

A base de sua economia é voltada para a pesca e para a agricultura, onde se destaca a mandioca.

Dentre as atrações turísticas do município destacam-se: a praia de Santa Maria, onde ocorreu a Batalha de Guaxenduba e foi fundada a cidade; a igreja de Nossa Senhora da Conceição, o Fórum e uma peça de artilharia usada na Batalha de Guaxenduba, integrando o Patrimônio Histórico da cidade; a Festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, celebrada no dia 08 de dezembro; manifestações culturais representadas pelas danças do Bumba-meu-boi, do Tambor de Mina, do Tambor de Crioula, do Coco, do Índio e também, a Festa do Divino Espírito Santo.

6.1 Itatuaba

Povoado pertencente ao município de Icatú, localizado na baixada oriental do Maranhão na região do Munim, a oeste do estado, próximo à baía de São José de Ribamar e distante 25 Km da sede municipal (Icatú).

Não existem dados precisos sobre a fundação e origem do seu nome, entretanto entende-se que o nome Itatuaba é de origem indígena. Tudo o que se sabe a respeito do povoado é obtido através de relatos de moradores antigos como a sr^a Gregória Margarida Paixão, uma das filhas natas mais antiga e ainda viva, prestes a completar 100 anos de existência descreve com sabedoria, segurança e lucidez invejável toda a história da origem do povoado, tornado-se uma fonte fidedigna e uma referência viva na história do lugar.

De acordo com o relato de Dona Gregória, por volta de 1890, um senhor chamado Henrique Prego, até então morador do povoado Jacaraí, com pretensões de ampliar seus negócios no ramo da atividade pesqueira, decidiu-se mudar para o Porto de Itatuaba, por este oferecer-lhe melhores condições para o embarque e desembarque dos seus utensílios de pesca, das pessoas e dos produtos da região o que culminou com a construção da primeira moradia no então povoado e com os negócios o povoado foi crescendo.

Segundo dona Gregória:

Henrique Prego, foi o primeiro morador de Itatuaba, lá por volta de 1890, ele morava no Jacaraí, era um homem trabalhador e dono de utensílio de pesca quis melhorar de vida, com coragem mudou pro Porto de Itatuaba, que não existia moradia, mais era melhor pra embarque e desembarque..

Logo depois Henrique Prego convidou Francisco Manuel de Sousa para morar em Itatuaba, o mesmo aceitou e assim foi construída mais uma casa no porto de Itatuaba, e com o passa do tempo o lugarejo tornou-se povoado.

O porto que deu origem e nome ao povoado ainda existe embora funcionando em estado precário porém continua sendo de vital importância para o lugar e povoados circunvizinhos que ainda escoam seus produtos através da lancha que faz linha para São José de Ribamar. Convém ressaltar que com o povoamento, o advento do desenvolvimento e abertura de estradas, o porto caiu em abandono não acompanhando os novos tempos.

6.2 Propostas para o desenvolvimento do turismo sustentável no local

a) Justificativa:

Em virtude de Itatuaba–Icatú possuir um grande potencial turístico, tanto natural, com lugares de raras belezas, quanto cultural, com suas manifestações, porém com deficiência nas infra-estruturas turística e básica, foram elaboradas algumas propostas com o intuito de desenvolver o turismo sustentável no local.

b) Metodologia:

As propostas foram elaboradas com base em um diagnóstico preliminar obtido através de pesquisa de campo, com o objetivo de levantar dados referentes ao local, bem como o reconhecimento de suas potencialidades turísticas, econômicas e sociais, afim de se analisar as possibilidades de implantação para o desenvolvimento do turismo sustentável.

6.2.1 Programa de conscientização

Deve-se sempre ter em mente que o ideal é que se faça turismo com base na cultura e não “usá-lo” apenas para atrair o turista, apenas sob o ponto de vista mercadológico. Se a idéia é revitalizar para preservar a memória e a

identidade cultural, então é preciso que a comunidade esteja envolvida no processo de planejamento turístico e que se criem ações e programas turísticos para o local. É necessário um trabalho cooperativo entre todos os profissionais envolvidos na área do turismo e que se estabeleça parcerias não só com a comunidade, mas também com o governo e com outras instituições da sociedade.

Objetivos:

- a) Identificar os impactos negativos causados no local;
- b) Resgatar a identidade cultural nas crianças, adolescentes e adultos da comunidade local e vizinhanças.

6.2.2 Programa de infra-estrutura básica e turística

Para um melhor aproveitamento do potencial turístico de Itatuaba, é necessário que haja melhorias em serviços básicos como água, luz, esgoto, além da infra-estrutura de acesso, bem como os serviços de apoio e recursos turísticos, como criação de hotéis, restaurantes etc.

Objetivos:

- a) Detectar as dificuldades enfrentadas pelo município com relação a infra-estrutura do mesmo;
- b) Apontar um planejamento turístico integrado e sustentável para o município.

6.2.3 Programa de marketing

É interessante que o local se torne conhecido, através de divulgação de seus atrativos naturais e culturais por meio da mídia e folders.

Objetivos:

- a) Verificar o aumento no numero de visitantes no local;
- b) Apontar a Festa do Divino Espírito Santo como um forte atrativo turístico cultural.

7 PROPOSTA DE ROTEIRO DE PASSEIO TURÍSTICO EM ITATUABA-ICATÚ

Roteiro Turístico é o itinerário elaborado pelo viajante ou por operadores turísticos, cobrindo países e cidades, mas utilizando, na maioria das vezes, trilhas que revelam as maiores atrações de cada lugar.

Quanto ao conteúdo, o roteiro pode ser classificado em temático (História, Arquitetura, Literatura, Música, Geologia), espacial (determinadas áreas comerciais e residenciais, parques urbanos) e geral (city-tour).

Itatuaba ainda é um povoado pouco conhecido pelos ludovicenses, visitantes potenciais da região, porém essa realidade de desconhecimento geográfico vai aos poucos sendo rompida por visitantes.

Trata-se de um povoado que possui terras de riquíssimo valor natural ainda preservado, tornando-se assim um bem coletivo que pode ser desfrutado por todos desde que de forma sustentável, ou seja, garantindo a conservação e preservação do ambiente natural que lá se encontra.

Este ambiente pode ser trabalhado por atividades que têm como elemento essencial de existência a natureza e que contribuam para sua conservação, como o turismo. A atividade turística mostra-se promissora nessa região, apesar de possuir serviços que precisam ser melhorados, como o acesso de Icatú a Itatuaba, ou alguns por serem implantados como saúde, segurança e comunicação, mas que tem como atrações potenciais uma exuberante área florestal, regiões de mangues, que representam um rico ecossistema de grande importância no equilíbrio ecológico e berçário favorável para o desenvolvimento de muitas espécies de animais e plantas.

Os rios e fontes com suas águas cristalinas são na verdade as maiores atrações do local revelando-se como áreas belíssimas para a contemplação, banhos, enfim para um contato mais próximo com a natureza. Com um potencial tipicamente natural a região revela atrativos que podem despertar o interesse de visitantes que querem fugir do stress da cidade, como também de pesquisadores, campistas etc.

Sugere-se a exploração turística da área da seguinte maneira:

- a) Passeios a pé ou a cavalo pelos bairros: Brasília, Itatuabinha, Tororoma, Rudela, locais onde podem ser observados aspectos da vegetação nativa, regiões de mangues, lindas lagoas e rios, o modo de vida da população local no cultivo da mandioca e produção de farinha, observação aos objetos produzidos com a palha do babaçu, como cofo, abano, meaçaba etc.;
- b) Passeio embarcado do porto, local de maior acesso de embarque e desembarque de pessoas e cargas advindas de outros locais e onde são produzidos artesanalmente canoas e utensílios de pesca, até a margem da baía de São José de Ribamar, observando o equilíbrio do ecossistema marinho;
- c) Passeio a pé pelo centro do povoado conhecendo a igreja e a praça;
- d) Exercer atividades de interação com a comunidade, uma vez que esta é muito receptiva;
- e) Fazer pic-nics ou pesquisas na natureza, já que as regiões de mangues e rios apresentam espaços de grande interesse para pesquisadores de áreas da biologia, ecologia, geografia e áreas afins.

Por fim, pode-se deliciar com iguarias da culinária local, oriundas da caça, pesca, assim como galinha caipira e frutos típicos da região como manga, abacaxi, mangaba, vinho de macaúba, buriti etc.

Itatuaba ainda é incipiente no que se refere à infra-estrutura básica, adequada para receber visitantes. O local dispõe atualmente de energia elétrica, água instalada através do sistema de poços artesianos, possui escola municipal, igreja, posto de saúde e uma praça central. Tem a disposição de residentes e visitantes, pequenos comércios que vendem bebidas e alimentos perecíveis.

O povoado dispõe também de um porto, responsável pelo embarque e desembarque de pessoas e mercadorias vindas de outras localidades, além de contar também com os serviços de vans e ônibus.

Com relação a hospedagem, o local não dispõe de serviços hoteleiros, os visitantes, geralmente de São Luis ou de povoados vizinhos, costumam ficar hospedados em casas de parentes e amigos, o que é preocupante, pois durante o festejo do Divino há um aumento no número de visitantes no local.

Como esta festa é de grande importância para o município, já que atrai mais visitantes, movimentando vários setores ligados ao turismo, é necessária alguma ação para a preservação da cultura e promoção do turismo, como melhoria na infra-estrutura, meios de transportes e maior divulgação da Festa do Divino.

8 CONCLUSÃO

Com o desenvolvimento deste trabalho observou-se que Itatuaba, Icatú possui um grande potencial turístico no que diz respeito aos atrativos naturais e culturais como: rios, lagos, festejos, que são de fundamental importância para o desenvolvimento turístico.

Porém, além do potencial, para que atividade turística desenvolva-se melhor é necessária melhoria na infra-estrutura, facilidades dos serviços (alimentação, hospedagem) e uma política de marketing melhorando assim o fluxo de turistas.

O turismo tem grande importância para o desenvolvimento sócio cultural, gerando efeitos positivos, mas principalmente negativos, caso não ocorra um trabalho de conscientização turístico a população e aos visitantes, a respeito de como usufruir melhor os atrativos sem desgastá-los.

É nesse contexto que idéia de desenvolvimento do turismo cultural sustentável reforça a necessidade e preocupação de envolver a comunidade no planejamento turístico. O conceito de desenvolvimento sustentável engloba 3 princípios fundamentais: a sustentabilidade ecológica, que permite as pessoas entender o valor daquilo que está sendo explorado e compreender a importância do equilíbrio ambiental para a sua manutenção para as gerações futuras, a sustentabilidade sócio-cultural, que promove o bem-estar das populações envolvidas, tem obrigatoriedade de gerar benefícios para a comunidade e que mantém e reforça a identidade da comunidade; e culturais, valorizando-os econômica e financeiramente.

Notou-se também que a maioria das pessoas que visitam o povoado é oriunda de São Luís ou de povoados vizinhos, permanecendo menos de 24 horas no local. Porém, na época do festejo esse número aumenta consideravelmente, sendo necessário a construção de meios de hospedagem capazes de abrigar os visitantes.

Com relação à Festa do Divino Espírito Santo, constatou-se que a mesma vem sofrendo consideráveis modificações com o decorrer dos anos, como a perda de caixeiros antigos, que morrem e não há um interesse por parte das jovens do povoado em aprender o toque de caixas, maiores investimentos na festa de reggae. Contudo essas modificações ainda não conseguiram alterar a essência da Festa, ou seja, a devoção das pessoas para com o Divino.

Diante dessas modificações, surge uma preocupação com relação ao futuro da Festa, caso não haja um incentivo maior por parte das iniciativas públicas e privadas ou até mesmo o interesse da população no sentido de não deixar que esta manifestação popular se acabe.

Para que isso aconteça, é necessário um trabalho de melhoria na infraestrutura do local, bem como a conscientização da população com relação as manifestações culturais, não só do ponto de vista econômico mas como forma de manter a identidade cultural do local.

APÊNDICES

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM DONA DOMINGAS

01-Há quanto tempo festeja o Divino?

02-Há quanto tempo a festa é realizada em Itatuaba?

03-Quantos dias dura a festa?

04-Qual o roteiro da festa?

05-Houve alguma modificação no festejo?

06-Como é feita a divulgação do festejo?

07-Houve aumento no número de visitantes durante o festejo?

08-Pretende continuar a realizar o festejo?

09-Quais as dificuldades enfrentadas para realizar o festejo?

10-Que tipo de ajuda recebe e de quem?

ANEXOS

ANEXO A - Programação

Festejo do Divino Espírito Santo Em Itatuaba-Icatú 2004

PROGRAMAÇÃO

Dia 11- Quinta Feira

16 :00h às 18:00h - Busca e levantamento do mastro(oliveira)
Seguido de ladainha e toque de caixas

Dia 12- Sexta Feira

06:00h- Alvorada
18:00h- Saudação ao Oliveira (mastro)
20:00h- Busca e Coroamento dos Impérios;
Procissão Luminosa;
Abertura e Batizado da Tribuna
Ladainha e toque de caixas

Dia 13-Sábado

08:00h- Cortejo dos Impérios
09:00h- Missa solene na igreja local
12:00h- Cerimonial do almoço
17:00h- Procissão
19:00h- Ladainha
20:00h- Início da festa dançante

Dia 14-Domingo

09:00h- Derrubamento do Mastro
10:00h- Fechamento da Tribuna
12:00h- Almoço e Valsa dos Impérios
17:00h- Corte e distribuição de doces
18:00h- Festa de encerramento e entrega do
Mastro para o encarregado de assumi-lo no próximo ano

ANEXO B -

Caixeiras saudando oliveira (mastro)



Caixeiros entoando cântico



Mesa do Mordomo Régio



Mesa da Mordoma Régia



Império do Divino



Caixeiros louvando o Divino



Mestre Sala atendendo à Corte Imperial



Mesa de doce do Divino



Mulheres matando galinha para o almoço



Leito do Rio de Itatuaba



Caminho do rio



Praça da Igreja de Itatuaba



Porto de Itatuaba

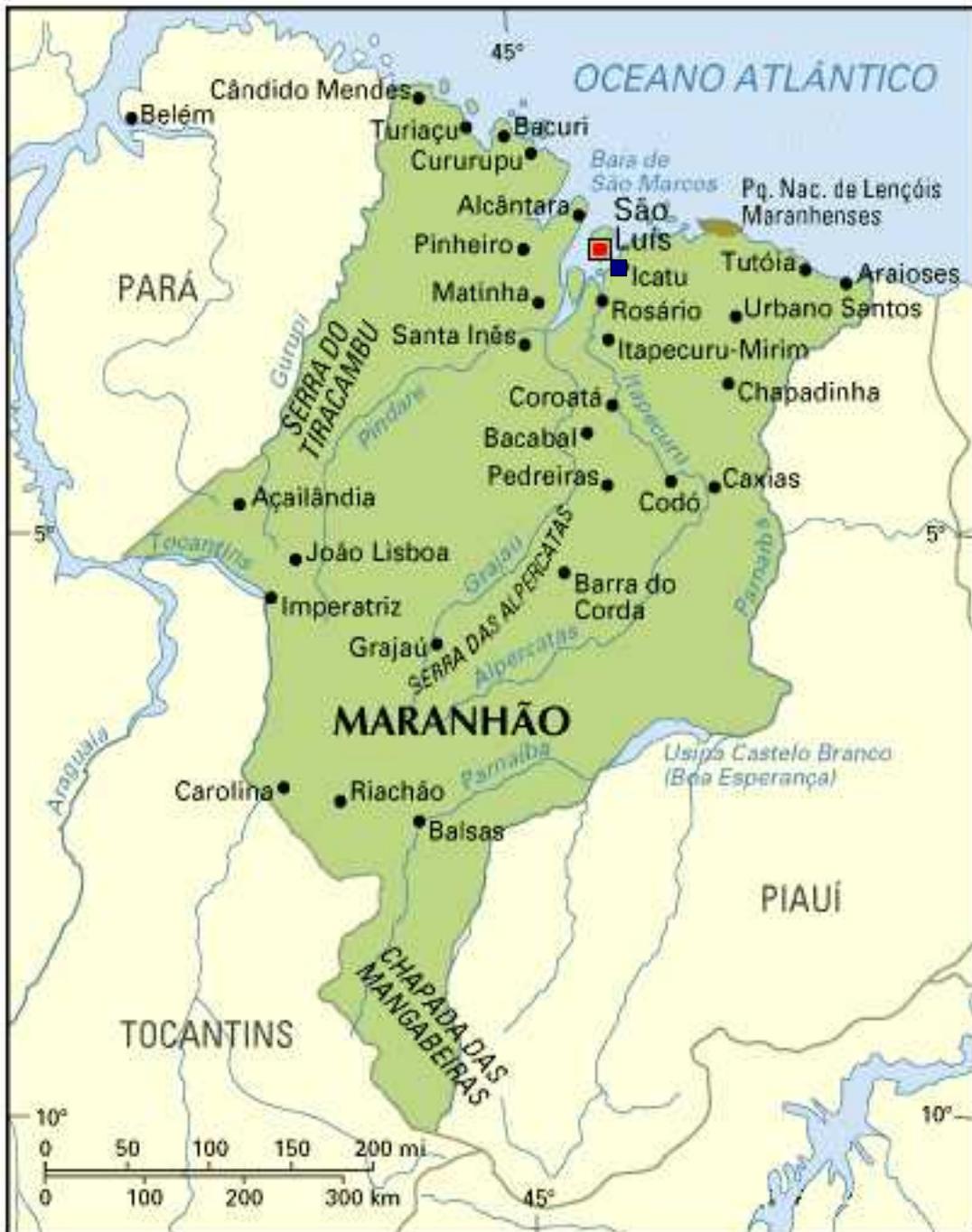


Mesa do bolo do Divino



Lagoa um dos balneários de Itatuaba

Estado do Maranhão – (MA)



- São Luís (Capital)
- Município de Icatú

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Luciano .**Os dons de santificação do Espírito**. 7. ed. São Paulo: Loyola. 1989
- ANDRADE, José Vicente.**Turismo: fundamentos e dimensões**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- ANSARAH, Maria Gomes dos Reis. **Turismo e Lazer: cultura e manifestações no cotidiano urbano: aspectos do turismo e do lazer cultural brasileiro**. São Paulo, [s.n].
- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- BARRETO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**, 1995.
- _____. **Turismo e legado cultural**. Campinas: Papyrus, 2000 (col. "Turismo").
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 2. ed. São Paulo: SENAC, 1998.
- BOULLÓN, Roberto C. **Proyectos Turísticos: identificación, localización y dimensionamento**. México: Diana, 1995.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. 13. ed.; 2. reimpressão. São Paulo; Brasiliense, 1997.
- _____. **Catecismo da Igreja Católica**, Editora Vozes, RJ, Editora Loyola, SP. [s.n].
- CORRÊA, Tupã Gomes. **Turismo e Lazer**. São Paulo: EDICON, 1996.
- DIAS, Reinaldo; Aguiar, Marina Rodrigues de. **Fundamentos do turismo: conceitos, normas e definições**. Campinas, SP: Aliança, 2002.
- DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson José Sena da (orgs). **Turismo religioso: ensaios e reflexões**. Campinas, SP: Aliança, 2003.
- FERRETI, Mundicarmo Maria Rocha. **Terra de caboclo**. São Luís: SECMA, 1994,154 p.
- FERRETI, Sérgio Figueredo. **Festas e costumes do Maranhão no passado**. Manuscrito inédito. 1997.

FOSTER, Douglas. **Viagens e Turismo**: Manual de gestão. [s.n],33 p.

GAMBARINE, Luiz Alberto. **O fogo de pentecostes**. 8. ed. São Paulo: Loyola. [s.n].

GANDRA, Manuel J. de. **Dicionário do Milênio Lusíada. Impérios do Divino, Sebastianismo e Quinto Império**. [s.i:s.n].

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Educação Patrimonial**. MUSAE, Consultoria e Produção Cultural.1991

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo:Pioneira, 1999.

KRIPPENDOR F, José. **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989, 236 p.

LAGE, Beatriz Helena Gelas, MILONE, Paulo César: **Cultura, lazer e turismo**:Turismo em análise. São Paulo: [s.n], v.6, n 2, nov. 1995.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2000 (coleção “Primeiros Passos”, vol. 51).

MARQUES, César Augusto. **Dicionário Histórico e Geográfico da Província do Maranhão**. São Luís: Agência Municipal de Estatística, Serviço Nacional de Recenseamento, Departamento, Estadual de Estatística e Inspecoria Regional de Estatística Municipal.[s.i.: s.n].

MENESES, Ulpiano T. Becerra de. **Os usos culturais da cultura, contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais**. [s.i.:s.n]

MOESCH, Marutschka Martin. **A produção do saber turístico**. Porto Alegre: Contexto.[s.n].

PIRES, Mário Jorge. **Lazer e turismo cultural**. 2. ed. São Paulo: Manole.

OLIVEIRA, Christian Dennis Monteiro de. **Turismo Religioso**. São Paulo: Aleph, 2004. (Coleção ABC do turismo).

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Ecologia, cultura, e turismo**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1997 (coleção. “Turismo”).

RODRIGUES, Marly. **Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo**. In: FUNARI, Pedro Paulo & PINSKY, Jaime (orgs.) Turismo e patrimônio cultural. São Paulo: Contexto, 2001.

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e Planejamento Sustentável: A proteção do meio ambiente**. Campinas: Papyrus, 1997.

SANTOS, José Luiz. **O que é cultura**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SIMÕES NETTO, Maria de Lourdes. **Identidade Cultural e Turismo Local**. [s.i] 2000.

_____. Turismo Cultural e sustentabilidade. In: **I Congresso Virtual Internacional de Cultura e Turismo**. Disponível em: www.naya.org.ar/turismo/congressoargentina. Outubro de 2001.

SODRÉ WERNECK. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. 19. ed. Bertrand . São Paulo: Carismas, 3 / Renovação Carismática Católica. Aparecida Santuário, 1994.

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável**.: Turismo Cultural, ecoturismo e ética. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Aleph, 2000. vol. V (Série “Turismo”).

WAHAB, Salah – Eldin Abdel. **Introdução a administração do turismo**. São Paulo: Pioneira, 1991, 242 p.

W. HUNZIKER E K. KRAPT, **Algemeine Fremdemurkebrslehre**, Zurique, 1942.

XIDIEH, Oswaldo Elias. Cultura popular. In : _____ et. al. **Feira Nacional de Cultura Popular**. São Paulo: SESC, 1976.

ZOZILDO Preto Almeida Silva. **Momentos Culturais**: um misto de religiosidade e prazer na vila do Icatú – Maranhão. [s.n.: s.i]